

Papel do indivíduo na sociedade: uma perspectiva comparativa entre Giddens e Guerreiro Ramos

Role of the individual in society: a comparative perspective between Giddens and Guerreiro Ramos

Errol Fernando Zepka Pereira Junior¹

Gabriel Guerra Braga Pereira²

RESUMO: Este artigo relaciona a convergência entre a teoria da estruturação de Anthony Giddens e o paradigma extraeconômico de Guerrero Ramos, enfatizando a relevância da interação entre sujeitos humanos e estruturas sociais. O objetivo é combinar os conceitos dos dois autores e examinar como essas interações influenciam o comportamento individual e coletivo. A conclusão é que existe uma interdependência dinâmica entre sujeitos e estruturas, com os indivíduos não apenas sendo moldados pelas estruturas sociais, mas também exercendo influência sobre elas. A reflexividade é um fator chave neste processo, permitindo aos sujeitos questionar e mudar normas e valores sociais. O artigo fornece insights para além do determinismo econômico, enfatizando o papel ativo do sujeito na libertação social e no desenvolvimento, e expandindo a compreensão da dinâmica social para além das perspectivas tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: teoria da estruturação, paradigma paraeconômico, agente, estrutura social, transformação social

ABSTRACT: This article relates the convergence between the structural theory of Anthony Giddens and the extraeconomic paradigm of Guerrero Ramos, emphasizing the relevance of the

¹ Mestre em Administração (FURG); MBA em Gestão estratégica de Negócios (Unopar); Aperfeiçoado em Tecnologias na Educação (IFMG); Aperfeiçoado em Como ensinar a distância (Uniasselvi), Bacharel em Administração (FURG) e Licenciado em História (Uniasselvi). Atualmente, é Estudante do Doutorado em Administração (UFSC). E-mail: zepkaef@gmail.com

² Bacharel em Administração (FURG). Atualmente é Estudante do Mestrado em Administração (FURG). E-mail: gabrielpereira1421rs@outlook.com



interaction between human subjects and social structures. The goal is to combine the concepts of the two authors and examine how these interactions influence individual and collective behavior. The conclusion is that there is a dynamic interdependence between subjects and structures, with individuals not only being shaped by social structures but also exerting influence over them. Reflexivity is a key factor in this process, allowing subjects to question and change social norms and values. The article provides insights beyond economic determinism, emphasizing the active role of the subject in social liberation and development, and expanding the understanding of social dynamics beyond traditional perspectives.

KEYWORDS: structuration theory, paraeconomic paradigm, agent, social structure, social transformation

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estudos relacionados a aspectos constitutivos dos sistemas sociais e das estruturas que os compõem tiveram início com base em pesquisas do sociólogo baiano Alberto Guerreiro Ramos. Em sua obra denominada “Theory of social systems delimitation: a preliminary statement” (1976), o autor traz à tona perante o ambiente acadêmico um conjunto de pesquisas que exploravam a possibilidade de análise e desenvolvimento de desenhos passivos de representação de sistemas sociais da época.

Desse modo, modelos de estruturação e funcionamento da estrutura social ganharam força em meio a academia. Como exemplos, destacam-se a perspectiva de Anthony Giddens com a teoria da estruturação (1984) e o próprio Guerreiro Ramos (1981) com a representação do paradigma socioeconômico.

Ao que se refere a teoria da estruturação, Giddens (1984) apresenta em sua obra uma representação de modelo social em que afirma que a sociedade é estruturada, mas com uma estrutura social que é repleta de dinamismo, desenvolvendo o conceito de dualidade da estrutura. A dualidade da estrutura se concretiza teoricamente ao definir que a estrutura social e o sistema social que a circunda são construídas e moldadas a partir das ações dos agentes humanos, capazes de desenvolvê-la, de mesmo modo que são reféns da própria estrutura, responsável por moldá-los individualmente e influenciar em sua capacidade de discernimento e de tomada de decisões (Pereira, 2023).

Quanto ao paradigma socioeconômico apresentado por Guerreiro Ramos (1981), é proposto um modelo de abordagem e perspectiva social denominado multidimensional, sendo uma crítica direta a visão unidimensional da sociedade, centrada diretamente no mercado. Nessa abordagem o mercado é apenas mais um dos inúmeros enclaves sociais possíveis de serem delimitados em volta do agente humano (Guerreiro Ramos, 1981). Enfatiza-se o agente humano como centro das estruturas sociais, caracterizando-o como complexo e membro de uma sociedade diversificada,

sendo capaz de gerenciar sua vida e escolhas com base em seus próprios critérios internos obtidos a partir do contato direto com a estrutura social de que faz parte (Guerreiro Ramos, 1981).

Ao integrar-se as duas perspectivas teóricas, o artigo objetiva a descoberta de qual modo as interações entre agentes humanos e estruturas sociais podem ter papel influenciarem e serem influenciadas por ações coletivas e individuais, a partir da mescla entre os conceitos apresentados por Giddens (1984) e Guerreiro Ramos (1981).

A discussão a ser apresentada defende relações possíveis entre as duas teorias a serem desenvolvidas, sendo indicada principalmente para aqueles que buscam compreender a respeito da complexidade da estrutura social humana, buscando aproveitar o potencial complementar das duas teorias.

2. PARADIGMA PARAECONÔMICO

Seguindo uma perspectiva considerada unidimensional, a soma maioria dos modelos que analisam os sistemas sociais em meio a estudos das organizações, apresentam um paradigma “comum” em que se considera o mercado elemento central para ordenação de assuntos e características pessoais e sociais (Guerreiro Ramos, 1981).

Opondo-se a esse modelo estrutural, Guerreiro Ramos (1981) considera o mercado um “muro” social, legítimo e necessário, além de ser limitado e regulado. Contudo, a centralidade do aspecto econômico, segundo Guerreiro Ramos (1981), abre precedentes para uma imposição social e estrutural de realização social, pessoal e profissional convergentes e diretamente associadas.

Sendo assim, o autor propõe uma contraposição ao modelo tradicional dominante, apresentando um conceito multidimensional em que enfatiza o ser humano como elemento central e complexo de arranjos organizacionais sociais (Guerreiro Ramos, 1981; Simon; Boeira, 2021).

O paradigma busca propor uma crítica ao conceito de racionalidade instrumental – ideia de que as ações se utilizam dos meios mais eficazes para atingir determinado objetivo, entretanto, não se preocupa com questões éticas e com os impactos resultantes. A ideia apresentada pelo conceito de racionalidade instrumental se enquadra em meio a ideais unidimensionais, ou seja, nesse tipo de paradigma se importa apenas com o mercado e com resultados obtidos a partir dele (Peters, 2005).

Portanto, o homem tende a ser desprovido da capacidade de tomar decisões e agir sob o mundo em que habita, mais precisamente para apenas comportar-se e reagir as prescrições já internalizadas buscando conformar-se com as eventuais regras de aprovação social (Guerreiro Ramos, 1989).

Guerreiro Ramos (1981) discorre a respeito do conceito de delimitação organizacional, ou seja, uma tentativa de trazer de volta a complexidade e diversidade de experiências em meio a vida individual e coletiva.

Desse modo, concebe o que ele denomina como “paradigma paraeconômico”, um modelo com visão multicêntrica da sociedade, onde existem diversos enclaves, sendo o mercado um deles, mas não sendo o mais importante e pautando uma diversidade de estilos organizacionais com enfoque na “emancipação humana” (Guerreiro Ramos, 1981; Simon; Boeira, 2021).

A questão principal que circunda o paradigma é a contraposição à hegemonia que o mercado e o setor econômico conquistaram em meio a discussões acadêmicas e práticas organizacionais ao longo dos anos, gerando divergência perante o entendimento da condição do indivíduo ao operar na sociedade, sendo descrita como uma unidimensionalização humana (Azevedo; Albernaz, 2004).

Esse processo caracterizado como “emancipador” serve como contraponto ao modelo unidimensional, defensor da perspectiva de superorganizações, em que os indivíduos são menos “elaborados” e “personalizados” do que as organizações, perdendo sua identidade pessoal e construindo uma identidade prescrita, automaticamente sendo reféns de um know-how socialmente imposto e com baixa tolerância a realização pessoal e individual (Guerreiro Ramos, 2022).

O modelo de Guerreiro Ramos leva em conta um modelo de oferta produtiva e demanda que reúne tanto atividades remuneradas quanto as não remuneradas, defendendo que o mercado deve ser regulado e delimitado, mas que a qualidade da vida social não deve ser analisada do ponto de vista do mercado. A atualização humana pode ser descrita como inversamente proporcional ao consumo individual de produtos e artigos de mercado (Guerreiro Ramos, 1989; Peters, 2005).

O paradigma paraeconômico consiste em duas abordagens principais: anomia e a prescrição. A respeito da perspectiva de anomia, o paradigma enfatiza a importância da comunidade sobre o indivíduo de modo a garantir que o mercado e o modelo econômico não passem por cima do mesmo, reduzindo-os à simples preocupação de maximizar seus benefícios lucrativos. Ou seja, a anomia busca desenvolver um ambiente em que exista a individualidade do ser e assim todos possam se desenvolver pessoalmente (Guerreiro Ramos, 1981; Simon; Boeira, 2021; Guerreiro Ramos, 2022).

No que se refere a abordagem prescritiva, trava-se uma discussão a respeito de como a falta de regras prescritas é capaz de diminuir a autorrealização do indivíduo. Em outras palavras, quanto menos normas existirem, menor será o equilíbrio entre o interesse da comunidade e o interesse pessoal de cada um (Guerreiro Ramos, 1981).

Como alternativas para uma melhoria de qualidade de vida e de estruturação do sistema organizacional social, Guerreiro Ramos (1981) apresenta a possibilidade de ambientes com condições igualitárias sem o predomínio de burocracias e hierarquias, denominados isonomias. Contudo, ao desenvolver o olhar para o indivíduo, o autor concebe e denomina o conceito de fenonomia, em que aproveita as características isonômicas do ambiente e o descreve como propício à satisfação pessoal e ao esforço criativo através da criatividade e da autonomia de agir e não apenas “se comportar” em meio ao ambiente preposto (Parada, 2016; Simon; Boeira, 2021;).

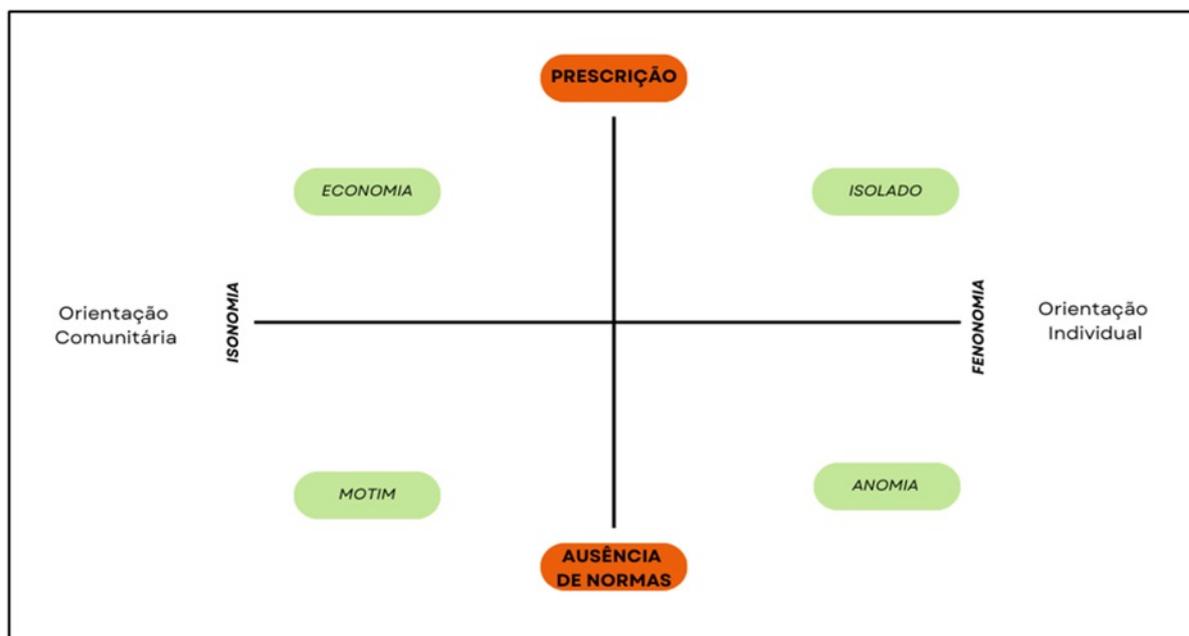
Desse modo, as tarefas e predisposições a ações tendem a ser automotivadas e a remuneração passa a ser uma gratificação consequente (Guerreiro Ramos, 1981).

Assim, a perspectiva permite a criação de uma sociedade diversificada em que os membros estariam livres para gerenciar os aspectos importantes de suas vidas de acordo com seus próprios critérios internos, de modo a propiciar a isonomia e a fenonomia o papel de agentes legítimos para a garantia de viabilidade e desenvolvimento coletivo da sociedade (Guerreiro Ramos, 1981; Franca Filho, 2010; Simon; Boeira, 2021).

2.1 DIMENSÕES E CATEGORIAS DO PARADIGMA PARAECONÔMICO

O modelo paraeconômico desenvolvido por Guerreiro Ramos (Guerreiro Ramos, 1981; 1989; 2022) está ilustrado na figura 1.

FIGURA 1 - O PARADIGMA PARAECONÔMICO DE GUERREIRO RAMOS



Fonte: adaptado de Guerreiro Ramos (1981; 1989; 2022).

A partir da representação, Guerreiro Ramos (1989) traduz a dimensão horizontal como sistemas sociais voltados para a coletividade ou para o indivíduo. Não necessariamente existem conflitos ou oposições sociais nessa dimensão, sendo apontada como plano da razão substantiva e não sendo refém do sistema mercadológico. Outrora, a dimensão vertical indica o quanto normativas e grau de prescrição do sistema influenciam as estruturas de grupo e individuais (Guerreiro Ramos, 1989; Peters, 2005).

A variedade de ambientes é um pressuposto do modelo. Assim o indivíduo tem a opção de escolher agir de diversas formas. Logo, surgem oportunidades de cada indivíduo se relacionar também com o mercado, mas sem precisar estar diretamente imerso nele e principalmente sob seus efeitos prescritos de comportamento. Pode-se se dizer que o modelo compreende que o indivíduo não se limita a apenas cumprir regras impostas pela organização econômica, necessitando de outros ambientes organizacionais que o permitam vivenciar sua singularidade. (Guerreiro Ramos, 1989).

“Quanto maior é o caráter econômico do trabalho, menos oportunidade de atualização pessoal é oferecida aos que o executam pelas respectivas prescrições operacionais” (Guerreiro Ramos, 1989, p.143). Por característica própria, o setor econômico, a teoria e a prática administrativa tendem a se expandir de modo que reduzam o espaço para o desenvolvimento humano, gerando

assim sistemas sociais cada vez mais ameaçadores da individualidade e prescritivos de certa forma (Guerreiro Ramos, 1989; Peters, 2005).

Perante a teoria do “flow” de Guerreiro Ramos (1966), o equilíbrio deve ser buscado pelas organizações para que os desafios encontrados pelos colaboradores possam ser resolvidos a partir de suas competências e habilidades, desenvolvendo assim um ambiente de trabalho gratificante e estimulante (Moraes, Moura e Junior, 2024).

A partir das explicações desenvolvidas por Guerreiro Ramos (1989) é possível abordar de modo conciso os tipos ideais delineados segundo a base teórica. São eles:

- Isonomias: se referem a ideia de igualdade entre os membros da sociedade, tendo como objetivo principal a realização dos potenciais individuais de cada um livremente de normas na soma maioria do processo e possibilitando a realização de atividades auto gratificantes por parte dos envolvidos com um modelo de liderança atribuída de acordo com o contexto de adequação de problemas e habilidades disponíveis, sempre pressupondo a manutenção e existência de relações primárias (Guerreiro Ramos, 1989).
- Fenonomias: uma concepção de sistema social que permite a seus membros o máximo de opção pessoal e um mínimo de subordinação e prescrições formais, sendo espaço para desenvolvimento da criatividade (Guerreiro Ramos, 1989).
- Economias: “uma economia é um contexto organizacional altamente ordenado, estabelecido para a produção de bens e/ou para a prestação de serviços...” (Guerreiro Ramos, 1989, p.148). O autor também ressalta a sobrevivência dependente da eficiência produtiva.
- Isolados: correspondem ao conjunto de indivíduos que correspondem as normas sociais, mas não interagem socialmente em termos de desenvolvimento pessoal ou interação substantiva, apenas se comportando, tanto na esfera organizacional quanto nas demais (Guerreiro Ramos, 1989; Azevedo; Albernaz, 2004; Peters, 2005).
- Motins: descrito pelo autor de forma objetiva como “coletividades desprovidas de normas, a cujos membros falta o senso de ordem social” (Guerreiro Ramos, 1989, p.147).

3. TEORIA DA ESTRUTURAÇÃO

A existência de uma dialética de controle em meio às relações sociais envolve o acesso aos meios e a sua respectiva manipulação, sendo considerados métodos para os agentes sociais influenciarem o comportamento uns dos outros (Cohen, 1999). Para tal, elucidar processos concretos da vida social e de suas relações, além de compreender que a estrutura social não é um produto planejado ou controlado por seus membros, destacam o centro referencial da Teoria da Estruturação. (Giddens, 1984).

O sociólogo britânico Anthony Giddens propõe que a sociedade é estruturada, mas que a estrutura é repleta de dinamismo, desenvolvendo como relação central da teoria da estruturação: o conceito de dualidade da estrutura (Giddens, 2009). Essa dualidade está ancorada na ideia de que os sistemas sociais e a própria estrutura se constroem e se moldam a partir das ações de cada agente,

sendo a estrutura uma condição e ao mesmo tempo resultado das ações e intervenções do conjunto de agentes que a compõem (Pereira, 2023).

A teoria da Estruturação caracteriza os seres humanos (agentes) como dotados de capacidade reflexiva sobre o propósito de suas escolhas e sobre os impactos que cada um de seus atos tem no espaço social (Cruz, 2020). Desse modo, o sociólogo britânico busca entender de que forma as “ações” individuais dos agentes impactam de modo determinante a estrutura que os envolve e por conseguinte as ações daqueles agentes que os rodeiam (Giddens, 1984).

Para que fosse desenvolvida tal perspectiva, Giddens sustenta que:

O que é especialmente útil para a orientação da pesquisa é o estudo, primeiro das interseções rotinizadas de práticas que constituem os “pontos de transformação” nas relações estruturais; e, segundo, dos modos como as práticas institucionalizadas estabelecem a conexão entre a integração social e a integração do sistema (GIDDENS, 1984, p. 35).

Dessa forma, os agentes da estrutura têm reconhecida sua cognoscitividade, ou seja, a capacidade de conhecer e compreender, sendo o conhecimento de mundo de cada um, guia para seu conjunto de ações e sua capacidade decisória (O’Dwyer; Mattos, 2010). Complementando, Giddens (2009), crê que o processo cognitivo não é individual e sim uma construção social desenvolvida a partir de interações entre agentes e de assimilação de normas e valores considerados socialmente corretos.

Mocellim (2008) relata que o processo reflexivo do agente de forma inerente as práticas sempre existiram, entretanto, uma das características sociais do conceito de modernidade tardia (Giddens, 2002) é a da radicalização da reflexividade, em que o autor relata que cada vez mais as práticas sociais são revisadas, contudo, agora sob conhecimentos rapidamente adquiridos, sendo constantemente reformulados a partir da interação social.

Outrora, Giddens (2009) propõem em sua obra que os indivíduos são coagidos de certo modo pela realidade social, entretanto, também são peças ativas em meio a manutenção e criação da estrutura social.

A teoria também apresenta o fenômeno da reflexividade como ponto determinante. Isso se justifica por Giddens (2009) considerar que os agentes seriam capazes de refletir sobre suas ações e a respeito dos acontecimentos ao seu redor, habilitando à estrutura ser passiva de mudanças, direta e constantemente modificável.

As reflexões passivas de serem feitas, vão de acordo com a consciência que cada um dos indivíduos possui a respeito de suas ações e o intuito que “cognitivamente” acredita ter, além do impacto que acredita que a estrutura possa sentir. A definição anterior corresponde ao conceito que a teoria da estruturação delimita ser a consciência discursiva, ou seja, uma concepção racional, limitada e superficial dos agentes a respeito de suas ações (Giddens, 2009; Pereira, 2023).

Desse modo, os agentes sempre sabem o intuito de seus atos e os possíveis desdobramentos deles perante o nível de consciência discursiva (Giddens, 2009). Apesar de possuírem essa compreensão, a consciência discursiva não possibilita um entendimento real e completo das implicações de cada ato na estrutura e no que a envolve, sendo essa uma questão muito mais densa e racional perante cada agente (O’Dwyer; Mattos, 2010; Pereira, 2023).

Giddens (2009) relata que essa compreensão “limitada” do intuito e do impacto de cada ação e escolha se justifica por conta da complexidade que envolve as interações entre agentes e que permeia a vida social.

Perante um olhar mais profundo do real intuito e impacto de cada uma das ações, Giddens (2009) apresenta o conceito de consciência prática, como sendo considerado o real responsável pelas ações dos agentes, sendo passiva de inúmeras origens e a real responsável por atingir a estrutura, tendo uma ação de retorno por parte dela.

O modo como os agentes atuam e o que eles produzem e vivenciam têm um impacto sobre seu pensamento e no modo como percebem sua liberdade e independência (Moraes, Moura e Junior, 2024).

Esse tipo de consciência pode ser adquirido a partir da socialização, responsável por desenvolver o processo de construção do ser, enquanto aprende normas, valores e práticas culturais do seu ambiente social, sendo capaz de desenvolver habilidades e uma consciência “oculta”, responsável por guiar inconscientemente cada ação e escolha (Giddens, 2009).

Pode-se dizer que a consciência prática é uma espécie de ponto cego da visão estruturalista, perspectiva que defende um equilíbrio entre elementos racionais e não racionais do comportamento humano, sendo voltado para o todo e defendendo que a interdependência o constitui a partir de padrões objetivos (Etzioni, 1980). Em outras palavras, Giddens (1981) sugere que a busca estruturalista por uma estrutura fixa oculta que forma o “todo” pode distorcer e dificultar o entendimento de como os agentes sociais agem e formam sua consciência prática. Portanto, a consciência prática é considerada como sendo “abraçada” em meio a pensamentos objetivistas e sendo encontrada com detalhamento em meio a fenomenologia e a etnometodologia, fortalecedoras das experiências e interpretações (Giddens, 2009).

4. E A CONVERSA ENTRE TEORIA DA ESTRUTURAÇÃO E O PARADIGMA PARAECONÔMICO?

Uma análise do referencial teórico apresentado permite perceber pontos congruentes entre a teoria da estruturação (Giddens, 2009) e o paradigma paraeconômico (Guerreiro Ramos, 1981).

4.1 O QUE CADA UM DOS AUTORES BUSCA DEFENDER?

Giddens (2009) propõem uma perspectiva de dualidade da estrutura em que agente e estrutura funcionam como peças complementares e igualmente atuantes em meio ao sistema social de que fazem parte. A partir disso, o autor propõe que a estrutura e o sistema social que ela faz parte são construídos e moldados com base nas ações de cada agente, seja perante um aspecto individual ou até mesmo do conjunto dos agentes (Pereira, 2023).

Guerreiro Ramos (1981), busca a partir do paradigma paraeconômico, apresentar um modelo de sistema social considerado multidimensional, em que a estrutura social possui diversas dimensões (enclaves), como por exemplo o sistema econômico e de mercado, abordado sob uma perspectiva unidimensional sendo centro da estrutura social. Entretanto, dos diversos enclaves

existentes no conjunto social, o indivíduo (agente humano), se estrutura como o centro, porém, sujeito aos impactos da estrutura e dos diversos “muros sociais” que a compõem.

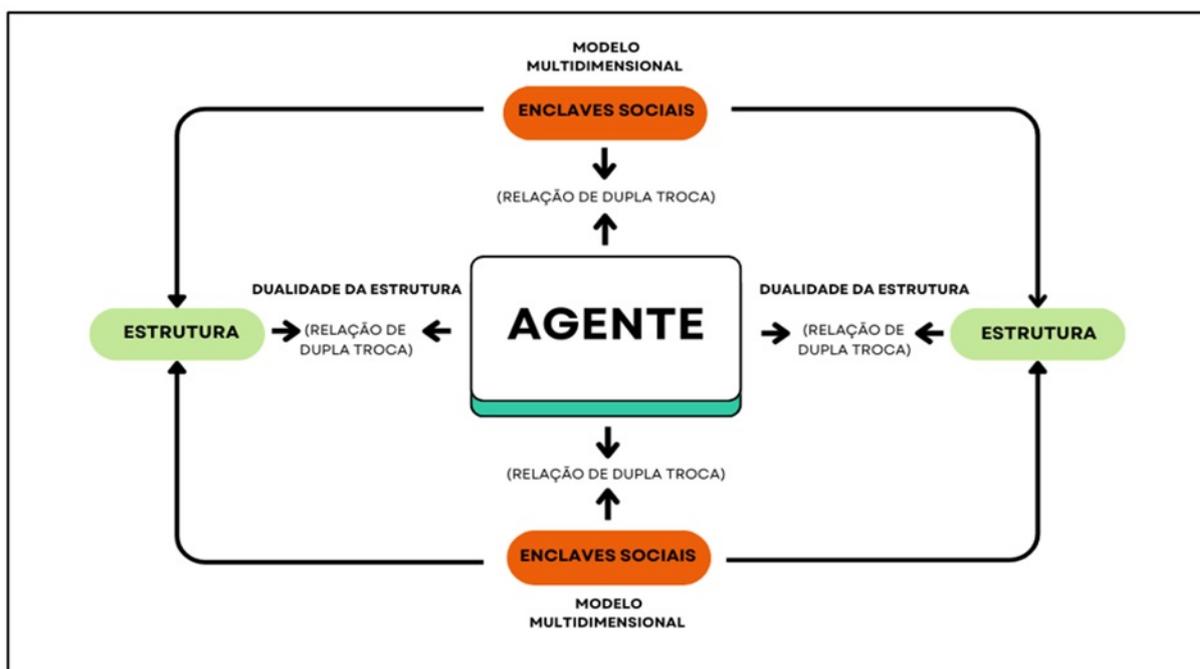
4.2 COMO AS TEORIAS PODEM SER APROXIMADAS?

De modo a realizar uma aproximação teórica entre as duas perspectivas analisadas, pode-se perceber que tanto na perspectiva oferecida pela teoria da estruturação quanto na apresentada pelo paradigma paraeconômico, o indivíduo, também denominado agente da estrutura, é considerado o centro do sistema social, de modo que em meio as duas obras, tenha papel de influência perante a estrutura social sendo também influenciado por ela.

É possível determinar uma construção de relação considerada de dupla troca ou até mesmo de dualidade entre a estrutura e o agente em meio as duas estruturas teóricas, onde tudo se resume a uma questão de atuar sob a estrutura ao mesmo tempo em que se é refém da mesma e dos enclaves sociais que a circundam.

Pode-se notar de forma visual a constatação anteriormente relatada a partir da figura 2:

Figura 2: Fluxograma de aproximações teóricas entre a teoria da estruturação (Giddens, 1989) e o paradigma socioeconômico (Guerreiro Ramos, 1981; 1989; 2022)



Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Por meio do fluxograma desenvolvido, destaca-se a posição do agente humano, servindo como elemento central tanto das relações estabelecidas em meio a teoria da estruturação (Giddens,

1984) por meio do conceito de dualidade da estrutura, quanto no modelo multidimensional apresentado por Guerreiro Ramos (1981). Com base nesse destaque em meio a posição que ocupa, o agente estabelece interações com a estrutura social a partir das duas bases teóricas estudadas, no entanto, enquanto na teoria da estruturação o agente atua e sofre influência direta da estrutura social, no paradigma socioeconômico (Guerreiro Ramos, 1981) ele se relaciona os enclaves sociais que o circundam, formados na própria estrutura social, para assim ter uma relação considerada de dupla troca e inferir sob o sistema social.

Seguindo a lógica de relações desenvolvidas entre agentes e estrutura, forma-se um fluxograma cíclico responsável por demonstrar que, independentemente da base teórica abordada, se o agente humano é considerado centro da estrutura social, todas as suas interações com a estrutura social que o envolve de algum modo vão ter impacto reativo sob ele e sobre todos que estão próximos.

4.3 O AGENTE DA ESTRUTURA, A PRESCRIÇÃO E O PAPEL DA CONSCIÊNCIA PRÁTICA E DISCURSIVA

A partir dos conceitos apresentados por Giddens (1984) em meio ao desenvolvimento da teoria da estruturação, a definição de agente da estrutura e o conceito de dualidade, podem ser relacionados com a perspectiva de prescrição apresentada no paradigma paraeconômico de Guerreiro Ramos (1981).

De modo geral, o agente da estrutura acaba sendo refém das prescrições sociais formalizadas em meio a uma estrutura social multidimensional, pois são essas regras, normas e orientações que influenciam e induzem o comportamento dos agentes perante cada situação. Entretanto, o indivíduo pode, por meio da reflexividade, questionar de forma interna se deve ou não seguir tais normativas. Portanto, pode-se afirmar que a consciência prática dos agentes tende a ser afetada pelas prescrições sociais e estruturais da estrutura da qual ele faz parte.

Desse modo, o simples ato de refletir sobre suas escolhas passa a ser cargo da consciência discursiva, condicionada a ser a responsável por um entendimento superficial e em primeira instância racional das ações de cada agente.

4.4 ESTRUTURA, ANOMIA E COGNOSCITIVIDADE

Voltando-se o olhar para o aspecto da estrutura social, traça-se um paralelo entre o conceito de estrutura social e de cognoscitividade presentes na teoria da estruturação (1984) e a perspectiva de anomia presente na obra de Guerreiro Ramos (1981).

Giddens (1984) descreve a estrutura social como a suma relação entre conjuntos de padrões nos quais uma sociedade se forma, organiza e opera, levando em consideração as relações existentes entre ela e os indivíduos. Assim, tende a ser onde a cognoscitividade e a anomia dos agentes humanos acontecem, a partir das prescrições estabelecidas.

Logo, partindo-se da abordagem realizada no paradigma socioeconômico (1981), Guerreiro Ramos define o conceito de anomia como uma espécie de “equilíbrio” entre os interesses dos agentes, individuais, e da estrutura, coletivos, desenvolvendo um ambiente que promova a individualidade de forma a contra-atacar quanto a possibilidade de alienação prescritiva. Para que os indivíduos possam exercer seu papel de reflexão sobre suas ações e escolhas, a cognoscitividade (Giddens, 1984) surge com função de auxílio em meio a mitigação de uma perspectiva de anomia, de modo a instigar a ação da consciência discursiva e prática, ajudando na mediação de conflitos e escolhas.

4.5 O PAPEL DA REFLEXIVIDADE

Complementarmente a relação de dupla troca apresentada, destaca-se o papel da reflexividade em meio a transformação social. Nas obras analisadas, a reflexividade é ressaltada a partir o papel capacitivo dos agentes em realizar reflexões a respeito da estrutura social de que fazem parte e de suas ações, podendo realizar assim, mudanças na mesma, por meio de seus processos individuais e durante a busca por sua emancipação humana e desenvolvimento individual e social.

O papel da reflexividade também serve como crítica aberta ao conceito de racionalidade instrumental, de modo a ter-se um contraponto presente em meio as duas bases teóricas. Enquanto Guerreiro Ramos (1981), critica o conceito e a perspectiva unidimensional proposta, Giddens (1989) ressalta de que modo a consciência prática, obtida a partir da socialização e envolvimento com normas e valores sociais, é capaz de determinar as ações de cada agente, sendo capaz de divergir do modelo de interesse puramente econômico e abrindo um leque de oportunidades.

5. O QUE SE PODE CONCLUIR?

O presente artigo apresenta como objetivo geral o oferecimento de insights para aqueles que buscam compreender a respeito da complexidade da estrutura social humana, buscando aproveitar o potencial complementar das duas teorias.

Portanto, com base nas perspectivas apresentadas em meio as bases teóricas de Guerreiro Ramos (1981) e Giddens (1984), é evidente o papel convergente entre a teoria da estruturação e o paradigma socioeconômico. Justifica-se tal afirmação por conta da ênfase mútua dos autores a respeito do papel central ocupado pelo agente humano em meio a dinâmica da estrutura social, destacando-se de formas semelhantes a relação de dualidade existente entre a estrutura e o agente.

Pode-se justificar tal interação a partir de uma constante troca de ações influentes, de modo que o agente humano atue sobre a estrutura social da qual faz parte, ao mesmo tempo que é influenciado e moldado pelos enclaves sociais que a compõem e pela própria. Outrora, pode-se destacar o papel da reflexividade como elemento fundamental de transformação social, possibilitando aos agentes humanos refletir sobre e questionar normas e valores sociais, podendo ser responsáveis por contribuir para mudanças em meio ao aspecto social.

Além disso, é possível estabelecer relações entre o conceito de agente da estrutura (Giddens, 1984) e a prescritiva do paradigma paraeconômico (Guerreiro Ramos, 1981), sendo o agente influenciado pelas prescrições sociais pré-existentes, tendo possibilidade de questioná-las através da reflexividade. Desse modo a consciência prática do agente é afetada pela estrutura que o circunda, enquanto a consciência discursiva se relaciona a seu processo de reflexão sobre suas escolhas.

Quanto ao papel da estrutura social, serve como “espaço de ocorrência” da cognoscitividade dos agentes e do processo de anomia. A anomia se baseia justamente na possibilidade de equilíbrio entre interesses individuais e coletivos de cada agente (Guerreiro Ramos, 1981), desse modo, a cognoscitividade surge como ferramenta de auxílio em meio a mitigação da anomia e gerando capacidade reflexiva entre ações e escolhas.

A perspectiva da reflexividade é destacada em ambas as teorias, sendo forma de os agentes realizarem alterações nas estruturas sociais a partir do ato de refletir.

Assim, o ensaio fornece insights relevantes para quem busca compreender as dinâmicas sociais, desenvolvendo além do simples determinismo econômico, além de destacar o papel crucial do agente em meio a estrutura da qual faz parte, tendo em vista a própria emancipação e consequentemente desenvolvimento pessoal e estrutural da sociedade.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A.; ALBERNAZ, R. O.; A Paraeconomia como modelo e paradigma para a análise e a formulação de Políticas Públicas: o Resgate de uma Possibilidade. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, (2), p. 20-32, 2004.
- COHEN, I. J. Teoria da estruturação e práxis social. Em GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- CRUZ, M. M. A.; Teoria da Estruturação e as Novas Sociologias: Provocações Teórico-Metodológicas a partir de Anthony Giddens. **Revistas Relegens Thréskeia**, v.9, n.1, p.111-122, 2020.
- ETZIONI, A. **Organizações Modernas**. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1980.
- FRANÇA FILHO, G. C. de. Decifrando a Noção de Paraeconomia em Guerreiro Ramos: a atualidade de sua proposição. **Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 52, p.175-197, 2014.
- GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.
- GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: FGV, 1981.
- GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

GUERREIRO RAMOS, A.; **A Nova Ciência das Organizações: Uma Reconceitualização da Riqueza das Nações.** (Tradução de Francisco G. Heidemann e Ariston Azevedo), 1^a edição. Florianópolis: Enunciado publicações, 2022.

GUERREIRO RAMOS, A. **Administração e Estratégia do Desenvolvimento.** Rio de Janeiro: FGV, 1966.

MOCELLIM, A.; A questão da identidade em Giddens e Bauman. **Em Tese**, v.5, n.1, p. 01-31, 2008.

MORAES, L. F. L. C.; MOURA, R. G. DE., JUNIOR, N. S. A.; O Trabalho e seu Sentido: Uma visão Humanista à Luz dos Pensamentos de Prestes Motta e Guerreiro Ramos. **Cadernos Cajuína**, v.9, n.1, p. e.24913-e24913, 2024.

O'DWYER, G.; MATTOS, R. A.; Teoria da Estruturação de Giddens e os Estudos de Práticas Avaliativas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v.20, n.2, p.609-623, 2010.

PARADA, A. A.; **E o palhaço o que é?** O Circo da Dona Bilica na perspectiva da economia criativa: uma análise das dimensões de tecnologia, tamanho, espaço e tempo. Tese. Administração, UFSC, 2016.

PEREIRA, G. G. B.; **Implementação de um ERP em uma empresa de estruturas metálicas:** uma análise com base na teoria da estruturação e em sua instrumentalização. 2023. 53 f. Monografia. Bacharelado em Administração (Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis). Universidade Federal do Rio Grande, 2023.

PETERS, L. A. S.; **Guerreiro Ramos e Dádiva:** Explorando Caminhos Críticos em Análise Organizacional. 2005. Tese (Mestrado em Administração) – Núcleo de Pós-Graduação em Administração - Universidade Federal da Bahia, p. 1-120, 2005.

SIMON, V. P.; BOEIRA, S. L.; Fenomenia, isonomia, economia social e solidária: convergências no processo de empoderamento feminino?. **Revista de Ciências da Administração**, [S. l.], v. 22, n. 56, p. 109–124, 2021.